

A INTER-RELAÇÃO ENTRE O QUERER DIZER E A FUNÇÃO ARGUMENTATIVA: COMO ISTO SE CONSTRÓI AO LONGO DO TEMPO?

Evani Andreatta Amaral CAMARGO¹

Ana Paula de FREITAS²

Resumo: O objetivo deste texto é discutir o processo argumentativo de uma criança com atraso no desenvolvimento linguístico e atraso no desenvolvimento neuro-psico-motor, relacionando-o ao intuito discursivo. Os dados foram construídos em um processo terapêutico fonoaudiológico, em uma clínica-escola, no decorrer de 3 anos consecutivos, tendo como pano de fundo dados de narrativas de histórias e de relatos pessoais. Além disso, trazemos a tona o papel do fonoaudiólogo, pensando no conceito bakhtiniano do lugar do não álibi da existência, da posição ocupada por este profissional que tem a linguagem no cerne do processo terapêutico.

Palavras-chave: Bakhtin. Intuito Discursivo. Narrativa. Argumentação. Atraso de linguagem. Fonoaudiologia.

Abstract: *The aim of this text is to discuss the argumentative process of a child with delay in linguistic and neural-psycho-motor development, relating it to discursive intent. The data was collected in a speech therapeutic process at a clinic-school, during three consecutive years, having as its background data from stories narratives and personal reports. Moreover, we raise the issue of the speech therapist's role, based on Bakhtin's concept of 'no-alibi in existence', the position held by this professional who has the language as the core of the therapeutic process.*

Keywords: *Bakhtin. Discursive Intent. Narrative. Argumentation. Language Delay. Speech Therapy.*

¹ Docente do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda (CUML) Ribeirão Preto – SP, Brasil. evani.camargo@mouralacerda.edu.br

² Docente do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda (CUML) Ribeirão Preto – SP, Brasil. ana.freitas@mouralacerda.edu.br

Introdução

Este texto tem como objetivo discutir o desenvolvimento do processo argumentativo de uma criança com atraso no desenvolvimento linguístico e atraso no desenvolvimento neuro-psico-motor, fazendo uma co-relação entre o conceito de intuito discursivo (querer dizer) de Bakhtin (1997) e o papel do terapeuta/ interlocutor de tais sujeitos, que possibilita (ou não) que este querer dizer seja efetivado. A questão Ética é criar condições no processo dialógico para isto.

A linguagem e a significação são sempre construídas nas interações verbais, no processo de interlocução. É também neste espaço que se dá a constituição do sujeito. Desta forma, para Bakhtin (1997), a subjetividade decorre do processo de alteridade, quando me identifico diferente do outro. Neste sentido, o desenvolvimento linguístico realiza-se pela enunciação, a partir dos enunciados concretos: ‘aprender a falar é aprender a estruturar enunciados’ (p.302). Para este autor também, o desenvolvimento linguístico estrutura-se na apreensão dos gêneros discursivos. Se não existissem os gêneros discursivos, se não os dominássemos, se cada vez os falantes individualmente tivessem que criá-los a cada interlocução, a comunicação verbal seria quase impossível. É porque os bebês estão imersos na interação verbal que a aquisição de linguagem se dá.

Há uma grande variação de gêneros, porém o intuito discursivo de cada um realiza-se por um determinado, conforme a esfera da comunicação verbal, a temática que está sendo desenvolvida, a necessidade dos interlocutores etc.

Em crianças com alterações de linguagem decorrentes de acometimentos neurológicos, como no caso da criança cuja linguagem é aqui apresentada, muitas vezes, o desenvolvimento linguístico se configura de uma forma diferente, tanto pelas questões intrínsecas dos sujeitos como pelas inter-relações que se estabelecem com os interlocutores, no processo de enunciação.

Em relação ao intuito discursivo do locutor (BAKHTIN, 1997), se faz necessário identificar se ele conseguiu expressar o que desejava. Para Bakhtin ‘o tratamento exaustivo do objeto do sentido, do tema do enunciado, varia profundamente conforme a esfera da comunicação’ (p.300). É o que ele denomina de tratamento exaustivo do objeto de sentido, que aliado ao intuito discursivo e às formas de estruturação dos gêneros possibilita o acabamento do enunciado e, portanto, a possibilidade da réplica. Tanto em sujeitos com alterações linguísticas como em crianças no processo de desenvolvimento de linguagem, o intuito discursivo e a exaustividade do objeto de sentido estão mais relacionados ao discurso do outro, fazendo com que o inacabamento constituinte da interlocução verbal também dependa mais do interlocutor.

Desta forma, nos processos terapêuticos, o papel do interlocutor talvez seja construir com tais sujeitos objetos de sentidos atrelados aos intuitos discursivos.

Para discutir o que propusemos acima, serão utilizados dados da oralidade da criança Be em situação de terapia fonoaudiológica, em que as atividades eram de elaboração de narrativas orais.

Segundo Labov (1972), a estrutura da narrativa é composta pelos seguintes elementos: resumo ou síntese; orientação, ação complicadora (inédito ou episódio inesperado); evolução; avaliação; resolução e finalização ou coda. A avaliação é o momento em que a carga dramática e/ou emocional da situação se faz presente, e é por meio dela que o narrador indica o porquê de a história (fato) dever ou não ser narrada (reportável). Assim, a reportabilidade é fundamental para Labov (1972) para caracterizar a narrativa, sendo também o espaço no qual a subjetividade se manifesta; o sujeito escolhe a história ou fato que quer contar e o quê quer realçar, mostrando sua motivação, concepções, opiniões e posições. A avaliação traz o posicionamento do narrador. O intuito discursivo da teoria bakhtiniana pode estar relacionado a isto, pois é o espaço em que a subjetividade pode emergir.

Hanke (2003) argumenta que a realidade, experiências e memórias são organizadas pelos falantes pela narrativa, em uma natureza dialógica. Portanto, a função argumentativa é um elemento imprescindível no narrar.

Camargo (2011) e Cazarotti-Pacheco (2012) argumentam que, em sujeitos com dificuldades linguísticas, crianças com acometimentos neurológicos no primeiro caso e, afásicos, no segundo, organizam suas narrativas de forma dialógica com os terapeutas e, em ambos os casos, apesar das dificuldades linguísticas, tentam fazer uso da argumentação e incluir fatos relevantes e reportáveis em seus relatos.

Para discutir as questões propostas apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos e as análises.

Aspectos Metodológicos

Os dados foram selecionados a partir de registros em vídeo realizados semanalmente em uma clínica-escola de fonoaudiologia, durante o período de três anos³. O sujeito é uma menina (Be) que estava com 7 anos de idade no primeiro ano do estudo. A hipótese diagnóstica fonoaudiológica

³ Este texto é um desdobramento de um projeto de pesquisa, com apoio do CNPq, edital universal.

apontou para uma alteração fonoarticulatória, um atraso na aquisição da linguagem oral e escrita e para alteração de motricidade oral. Como hipótese diagnóstica neurológica destacava-se um atraso no desenvolvimento neuro-psico-motor. Os episódios foram construídos a partir de narrativas, em um processo de interlocução entre a criança, as terapeutas que a acompanharam em cada um dos anos respectivamente e, eventualmente, outra criança que tenha participado do mesmo processo terapêutico.

A transcrição da fala da criança (e eventualmente de seus pares) e das terapeutas foi feita respeitando-se a ortografia regular. Apresentamos os turnos, em sequência, mantendo-se a elaboração de uma narrativa, construída entre Be e seus interlocutores. Os turnos estão numerados e, para a construção dos textos narrativos, alguns turnos podem ter sido suprimidos, sem interferir na construção do sentido da narrativa elaborada. Em alguns trechos dos turnos, não foi possível entender a fala da criança, pela dificuldade em sua articulação. Apontamos também, entre parênteses, após a transcrição da fala dos sujeitos, observações sobre as condições de produção do enunciado verbal e não verbal.

A análise dos dados foi feita em uma perspectiva qualitativa, considerando-se as características da narrativa apontadas por Labov, as interações dialógicas estabelecidas entre a criança e seus interlocutores, bem como os indícios dos aspectos argumentativos, descritos acima.

Análise dos Dados

Episódio 1 10/10/05 – 7 anos, 1 mês e 20 dias.

Situação: Sala de terapia, mesas pequenas encostadas, propiciando um espaço maior para trabalharem. A terapeuta (Ter) está sentada ao lado do companheiro de grupo de Be (Cv). Ela está sentada em frente. Cv tem como diagnóstico fonoaudiológico alteração fonoarticulatória e um leve atraso de linguagem.

Sobre a mesa há uma cesta de plástico com materiais usados em terapia: livros de história, quebra-cabeças e canetas hidrocor. Após montar um quebra-cabeça, cujas figuras eram de gato e cachorro, a Ter propõe que as crianças e ela façam um desenho. Enquanto desenhavam, conversam sobre cachorro, gato, filhotes. Cv pede para a terapeuta que escreva o número 5, falam então em 5 filhotes. A partir do desenho, Be inicia o processo de interlocução, mantendo-se como locutora

principal. Apresentamos aqui um recorte da interação verbal ocorrida nesta terapia, para discutirmos as propostas deste trabalho:

1.Ter: *E os filhotinhos dela? Você não vai fazer? Coitadinha, ela vai ficar sem os filhotes?*

2.Be: *É. Ela tossi ondi qui ela tabaia!* (Desenha e olha o que está fazendo)

3.Ter: *Não entendi o que você falou.*

4.Be: *Ela tossi onde ela tabaia.*

5.Ter: *Onde ela trabalha? Ela já trouxe onde que ela trabalha?* (Enfaticamente)

6.Be: *Ondi qué ela tabaia! Ela tossi já um monti di gatinho!*

7.Cv: *Ela já trouxe us gatinhu ondi qui ela tabalha!*

[...]

27. Ter: *Os cinco, ela levou?*

28. Be: *Seis.*

29. Ter: *Seis?*

30. Be: *Seis gato! Um um que moeu...* (Hesitação, contando com os dedos da mão)

31. Ter: *Ah! Se morreu não foi!* (Interrompendo Be)

32. Be: *É.*

33. Ter: *Se morreu não foi. Não é?*

34. Be: *Um qui opeô e moeu!* (Hesitação no início da fala. Vai tocando os dedos de uma mão a outra, indicando contar)

35. Ter: *Quê? Operou e morreu?*

36. Be: *Opeou e moeu.*

37. Ter: *Operou e morreu?*

38. Cv: *Operou e morreu!*

39. Be: *U médico! Puque moeu gatinho. Qui opeô e moeu! Daí...Oto. Daí, aí tava todo mundo coendo, daí a hora que chegou a polícia....*

40. Te: *Ah!*

41. Be: *... e o homi atirava no gato! Daí, oh, a mãe do gato falou: --Não! Não atira no gato! Daí começo a atirar na mãe do gato!* (Com entonação de fala de personagem, enfaticamente)

42. Ter: *O quê? Atirou no gato?*

43. Be: *É.*

44. Ter: *Ah! A mãe do gato morreu e você não falou pra mim?*

45. Be: *É.*

46. Ter: *O quê? Atirou no gato?*

47. Ter: *Atirou na mãe do gatinho? Ih!* (Enfaticamente)

48. Be: *É, a mãe du gatu moeu!*
49. Ter: *A gatinha morreu?*
50. Be: *Daí. .. a mãe do gatinhu moeu, a mãe do gatinho moeu puque tava cum dor de cabeça, aí sabe a polícia atirou na cabeça que tava com dor de cabeça ...* (Levanta e fica em pé ao lado da Ter e realiza gesto afirmativo com a cabeça)
51. Ter: *A polícia correu atrás da mãe do gatinho, atirou na mãe do gatinho, na cabeça da mãe do gatinho porque tava com dor de cabeça?* (Parece estar tentando entender, duvidando)
52. Be: *Não.*
53. Ter: *A gatinha tava com dor de cabeça?*
54. Be: *Não. Era a mãe.*
55. Ter: *Não era nenhum filhotinho? Era a mãe do gatinho?*
56. Be: *Tava com do de cabeça...*
57. Ter: *E a polícia atira em quem está com dor de cabeça?*
58. Be: *Atirô... Poquê a febe dela...* (Fazendo sinal afirmativo com a cabeça)
59. Ter: *A febre?* (Interrompendo Be e olhando para a criança)
60. Be: *A febe dela ela di cansera!*
61. Ter: *A febre era de canseira?*
62. Be: *Era di manhã e a tardi, di manhã e a tadi a febe dela!....*
63. Ter: *A febre dela era de manhã e a tarde?*
64. Be: *É. Aí o bombeo levo ela no médico e ela ficou senta, óh!* (Estalando os dedos, indicando que passou muito tempo)
65. Ter: *Quem levou ela pro médico? O bombeiro?*
66. Be: *É.*
67. Ter: *Mas quando foi isso?*
68. Be: *Achu que foi sábado!*
69. Ter: *Não! Você não falou que ela levou os gatinhos passear no serviço dela? Isso foi quando? Quando ela estava indo para casa depois do serviço?* (Mexe as mãos)
70. Be: *É, depoi do serviço!*
71. Ter: *Ah! Tadinha. Além de ir trabalhar, levar 5 cinco gatinhos juntos, ainda morre atropelada?*
72. Be: *É.* (Ênfase)
73. Ter: *Mas o bombeiro...*
74. Be: *Puquê aí u carru viu e atopelo! Ela tava aqui, oh! A hola que ele viu topelô! Puquê o gato atopelô. A van atopelô assim...* (Em pé, ao lado da Ter, vai andando até a parede, passo a passo, como se estivesse representando algo)

75. Ter: *Mas, viu, ela foi atropelada ou a polícia que deu um tiro na cabeça dela porque ela estava com dor de cabeça e febre o dia inteiro?*
76. Be: *É! Hora que veio, que topelô. Polícia falou assim: --Você não pode fazer assim não, vou atirar.*
77. Ter: *Mas não pode ser as duas coisas, pode? (Aproxima as mãos)*
78. Be: *Pode!*
79. Ter: *Por quê? Como pode?*
80. Cv: *Porque... Por causa ela tava morrida e o carro matou mai ainda! (Ter olha para Cv)*
81. Ter: *Ela já estava morrida? (Ri)*
82. Be: *É.*
83. Ter: *Ela já tinha morrido?*
84. Be: *Ela já tinha morrida. Aí atiro por ela mo e mai. (Ter ri)*

Verifica-se que a narrativa é construída dialogicamente pela criança e o adulto; e que a outra criança presente intervém por três vezes para reafirmar o argumento de Be. Ela usa todo o tempo a argumentação (ou indícios de), incluindo fatos em sua narrativa para que a mesma seja ‘reportável’. É Be que é a narradora neste momento, ela vai retomando, completando, se colocando para não perder esse lugar, de locutora; neste sentido, levantamos a questão: se ela quer se fazer entender ou se quer, simplesmente, não perder o turno discursivo. Como não havia um enredo fixo, como o de uma história contada, a criança passa a elaborar, baseada no que havia ocorrido na terapia anteriormente (a montagem de um quebra-cabeça de gato e a discussão sobre números, quatro e cinco); fatos que ela deve ter ouvido ou presenciado, misturando-os aos personagens, o que podemos chamar de ‘caso’, conceito trazido de Perroni (1992). Assim, a discussão sobre o desenho dos gatos entre a terapeuta e a criança desencadeia a narrativa de um ‘caso’:

é aquele entre a ‘estória’ e o ‘relato’, uma criação livre do narrador, não havendo compromisso com enredo fixo, nem com a verdade, como ocorre nas histórias e nos relatos respectivamente. Ainda não se espera o compromisso com o fato efetivamente vivido pela criança (p.70).

Ao longo da história narrada por Be, observa-se, como aponta Perroni (1992), a organização de eventos em sequências temporais não previamente determinadas, sendo tais ‘casos’ inspirados na memória da criança, ainda que esta seja precária e os relatos pareçam confusos.

A dificuldade inicial quanto ao narrar pode explicar os ‘casos’, situação em que a criança lança mão do que Perroni (1992) nomeou de ‘combinações livres’ para preencher os turnos criados na interação com o outro e dessa forma ‘narra’, sendo tal recurso uma forma de preencher os turnos

criados na interação. Neste sentido, a criança ainda introduz seu conhecimento de mundo (dor de cabeça, tiro de revólver, febre), para tentar responder às indagações da terapeuta e nessa tentativa de preencher os turnos, sua ‘narrativa’ perde o sentido do real, mas indica o início da argumentação.

Há uma negociação de sentidos todo o tempo. Be vai mudando o que fala para se manter no papel de locutor, verificando-se uma ‘tensão’ entre ela e seu colega, de um lado; e a terapeuta de outro, constituindo tal negociação; por exemplo, entre os turnos 27 e 38, quando introduz a questão de morte, morrer etc, pra confirmar o número de gatos (5 ou 6), já que tem que ser cinco, um morreu, assim, argumenta-se que este vocábulo é o desencadeador que modifica o enredo que estava sendo elaborado. Be vai organizando seu texto dentro do gênero narrativo (um típico caso); por exemplo, enquanto relata, no turno 76, incorpora o discurso de um policial, discurso esse que reflete suas experiências, o que assiste na televisão, ou que incorporou da fala de um adulto. Pelo que ela vai criando/ relatando, verifica-se que ela participa de interlocuções/ experiências de uma criança de sua idade.

A questão da argumentação – entendida aqui como forma de se colocar; de se constituir como sujeito – fica clara neste episódio; assim, pela argumentação, mesmo que a criança ‘fuja da realidade’ e lance mão do ‘caso’, é isso que faz com que se mantenha no papel de narrador, identificando-se então a função de reportabilidade. Isto é, ao narrar, aquilo que é dito tem de ser importante.

Segundo Bakhtin (1997), enunciar é argumentar a partir do princípio de que a argumentação é inerente à dialogia, já que todo enunciado é produzido em direção ao outro, na interminável cadeia de enunciações. Ao se produzir um enunciado, agimos sobre o interlocutor, como também o temos no imaginário; escolhem-se as palavras dentro dos diversos gêneros discursivos. A situação imediata, bem como o meio social e histórico mais amplo determinam a estrutura da enunciação, em que as palavras são orientadas em função do interlocutor (GOULART, 2007).

Neste episódio, para discutir o papel do terapeuta, pode-se pensar na questão do intuito discursivo e no inacabamento constituinte do sentido que está sendo estabelecido nesta interação verbal. Segundo Perroni (1992), é o adulto que, com sua negociação de sentidos, ‘recortes’ e ‘correções’ do enredo, no discurso narrativo, pontua a criança para narrar de acordo com o que é esperado e, com o desenvolvimento linguístico, ela passa a ser uma narradora independente. Com as crianças com dificuldades linguísticas, atrasos de linguagem de qualquer ordem, levanta-se a hipótese de que os adultos perdem tais parâmetros. Nunca se sabe quando aceitar os ‘casos’ ou quando interromper a criança, chamando-a para o enredo ‘correto’ da trama, para o sentido exato do que ela quer contar. Esta é uma temática intrigante: qual deve ser, em relação a essas crianças, o papel

‘efetivo’ do adulto? Interrompe-se demais a fala da criança? Hipotetizamos que se se fizer isso em um momento inadequado, impede-se que o intuito discursivo do sujeito se faça presente. Por outro lado, se o ‘enredo’ ou a ‘lógica’ não for ao menos tentada, essas pessoas também podem permanecer em um estado de confabulação.

Verifica-se neste episódio que a terapeuta tenta resgatar o que Be coloca, tentando organizar o texto baseado na realidade; provavelmente pelo papel que é dado ao fonoaudiólogo, de possibilitar o desenvolvimento linguístico. Ela está tentando retomar com a criança uma lógica do encadeamento dos fatos ou a criação de uma história, que embora fictícia, com personificação dos personagens, deve ter um sentido. Outra possibilidade que inferimos ao analisar este processo de interlocução seria a tentativa da terapeuta de utilizar as observações da outra criança, Cv, como interlocutor que ajudasse a mostrar a compreensão/ incompreensão do que estava sendo elaborado. O garoto, por três vezes (turnos 7, 38 e 80), interpretou o que Be estava tentando dizer; entretanto nem sempre é possível resgatar tudo o que ocorre no momento da enunciação. Mas entendemos que Cv, de fato, interpreta e é aceito por Be no resgate de seu intuito discursivo.

Pode-se discutir aqui esse papel terapêutico, que tem lugar no momento exato da enunciação: é o papel de quem tenta ser efetivo, se tomarmos o conceito bakhtiniano do lugar do não álbi da existência, da posição ocupada por este profissional que tem a linguagem no cerne do processo terapêutico. Fica implícita a questão Ética apontada por Bakhtin (2010) e a importância do posicionamento do locutor em relação a seus Atos.

A criança, ao mesmo tempo em que sabe que tem dificuldades para se fazer entender, como se assim tivesse se constituído enquanto locutor, também supõe que tem coisas interessantes para falar e quer ocupar o lugar na interlocução, de locutor/ narrador. O colega assume aí um papel fundamental: ao endossar a fala de Be, dá voz a ela, assim, ela identifica este lugar (turnos 39 e 84). A terapeuta, também, permite esta construção, já que dá o aval, embora, às vezes, não entenda o que a criança quer dizer; mas, mesmo assim, verifica-se um esforço neste sentido, de resgatar o intuito discursivo de Be, o que se infere como um papel efetivo no processo terapêutico.

Os dois episódios abaixo ocorrem aproximadamente três anos após o episódio 1. Os mesmos foram trazidos para se discutir como a argumentação da criança foi estabelecida.

Os Episódios 2 e 3 ocorreram em 2008, na mesma data, sendo recortes do atendimento fonoaudiológico deste dia. Tais recortes foram feitos elegendo-se as narrativas ocorridas.

Episódio 2 30/09/2008 –10 anos e 10 dias.

Situação: A Ter (M) e a criança estão sentadas em uma mesa, uma de frente para a outra. Sobre a mesa há um livro, folhas de sulfite, canetas hidrocor e lápis. A terapeuta e a criança leem o livro ‘A Chuva’, da coleção Gato e Rato. Este livro não apresenta um texto narrativo propriamente dito, há figuras e o texto se reporta a descrevê-las, inclusive os verbos estão no presente do indicativo. A supervisora de estágio (AP – já que se trata de uma clínica-escola de fonoaudiologia) está na sala, realizando a filmagem do atendimento. Em alguns momentos também conversa com a criança:

[...]

9. Ter (M): *E esse aqui, você já viu?*

10. Be: *Estrela.* (Levanta o indicador direito, sorrindo)

11. Ter (M): *Você já viu uma estrela do mar?*

12. Be: *Do mar? Já.* (Olha para cima como se estivesse pensando)

13. Ter (M): *Já?* (Enfaticamente)

14. Be: (Aceno afirmativo de cabeça)

15. Ter (M): *Faz tempo?*

16. Be: *Não. Faz um pouquinho.*

17. Ter (M): *Foi quando?*

18. Be: *Um dia...* (trecho incompreensível pela própria fala da criança) *estrela do mar.*

19. Ter (M): *Todo dia?*

20. Be: (Aceno afirmativo de cabeça)

21. Ter (M): *Aonde?*

22. Be: *Porque... você i... dorme, não? Fica escuro?*

23. Ter (M): *Ãh!* (Concordando; aceno afirmativo de cabeça)

24. Be: *Todo dia, noutro dia. Não aparece estrela? Estrela aparecendo no céu?*

25. Ter (M): *Ãh?* (Com dúvida)

26. Be: *Então, então eu já vi.*

27. Ter (M): *Só que é estrela no céu.*

28. Be: *É.*

29. Ter (M): *E aí, é diferente de estrela no mar. É o mesmo nome, né? Estrela do céu e estrela do mar.*

30. Be: *Não, estrela do mar, nunca vi...*

31. Ter (M): *Não? Só do céu?*

32. Be: *Só. Olha a menina...*

Episódio 3:

Já é praticamente o final da terapia e a criança, a terapeuta e a supervisora conversam informalmente, mas na mesma posição do episódio anterior.

[...]

62. Be: *É.E dois, dois sobrinho...* (Aceno afirmativo de cabeça, olha para AP)

63. Ter (M): *Dois?*

64. Be: *O Mário, o Mário e o Biél.*

65. Ter (M): *Ah! E quantos anos eles têm?*

66. Be: *O Mário tem 7 e o Biél tem um aninho.*

67. Ter (M): *Ah! Tá. Novinho, né?*

68. Be: (Aceno afirmativo de cabeça)

69. Ter (M): *Eles são bonitos?*

70. Be: *São. O Biél lugar... que reinava... Biél reina...* (incompreensível pela articulação imprecisa de Be)
(Aceno afirmativo de cabeça)

71. Ter (M): *Reina?*

72. Be: (Aceno afirmativo de cabeça, mexe as mãos, pondo as palmas para cima)

73. Ter (M): *Como assim, reina?*

74. Be: *mexe nas coisas...* (incompreensível pela articulação imprecisa de Be; levanta as palmas das mãos para cima)

75. Ter (M): *Ah!*

76. Be: *Chuta as coisas... agita...*

77. Ter (M): *Ah! Chuta as coisas?*

78. Be: *Chuta.*

79. AP: *Como é que é? Não entendi.*

80. Be: *Biél. Ele é assim... ele... Todo mundo pensa que ele é quietinho, mas a hora que ele... raiva, ele fica, ele fica... ele chuta...* (incompreensível pela articulação imprecisa de Be)

81. AP: *Ele chuta...*

82. Be: (Be faz aceno afirmativo de cabeça, concomitantemente a fala de AP, pondo a mão esquerda na cabeça)

83. AP: *você?*

84. Be: (aceno afirmativo de cabeça)

85. AP: *Todo mundo pensa que ele é quietinho, mas no fim, ele é...* (Entoação final elevada para Be completar a frase)

86. Be: *Bavo* (Silabando)

87. AP: *Ele é pequeno?*

88. Be: *É.*

89. AP: *Ele é pequeno ainda ou não?*

90. Be: *Bebê.*

Nestes dois episódios, ocorridos três anos após o episódio 1, argumentamos que a criança e as terapeutas (há dois adultos na sala, a estagiária e a supervisora de estágio, que está filmando) chegam uma à compreensão da fala da outra. Apesar de a narrativa da criança ainda ser parcialmente dependente da fala do adulto, o intuito discursivo de Be é atingido, diferentemente do que ocorreu no primeiro episódio. Trata-se de relatos vividos e Be não usa arcabouços para se manter no papel de narrador, não faz mais usos de ‘casos’ e nem foge da realidade. Os enredos são coerentes e tanto um como o outro são atingidos de forma autônoma.

Identifica-se o aspecto reportável, aquilo que é digno de ser relatado, por exemplo, nos turnos em que Be vai organizando sua argumentação sobre o julgamento que faz das ações de seu sobrinho (Biél) (entre os turnos 74 e 86), que aparentemente é ‘bonzinho’, mas que ‘apronta’ e ‘reina’ e que ela identifica como ‘dando trabalho’, diferentemente do que os adultos devem falar. Ou, quando pela incompreensão da diferença entre estrela do céu e do mar, diz conhecer a estrela do mar, porém ao compreender a pergunta do adulto, rapidamente responde com coerência (entre os turnos 18 e 32).

Be não aceita o que não quer narrar ou o que não é seu intuito discursivo, mantém suas intenções, o que não ocorria em 2005; naquele momento desviava-se mais do seu querer dizer, bem como os vocábulos faziam com que ela mudasse o tópico narrativo com maior frequência. Verificava-se a ocorrência de ‘casos’ para se manter enquanto locutor principal. Neste momento, sua argumentação é efetiva, usa dos aspectos reportáveis, respeita a incompreensão do interlocutor, retomando e mostrando de outra forma o que pretende que ele compreenda (turnos 22, 24, 74, 76, 80,86).

Observam-se também diferenças na fala e postura do adulto que agora interpela a criança para, de fato, compreender seu intuito discursivo. Há uma busca quanto ao que a criança quer narrar, quanto ao que ela considera reportável e pela interpretação correta de sua argumentação. Provavelmente isto decorre do desenvolvimento linguístico de Be; e a busca pela compreensão do querer dizer da criança é o que permite este desenvolvimento, em contrapartida.

Considerações Finais

A criança deste estudo, com atraso de linguagem significativo e alterações neurológicas, apresentou, entre o primeiro e os dois últimos episódios, um desenvolvimento linguístico importante. Verifica-se tal desenvolvimento pelo posicionamento da criança quanto ao seu intuito discursivo: se no primeiro episódio podia desviar deste intuito pela palavra do outro ou por um vocábulo dito, neste segundo momento isto não ocorre mais. Lançava mão dos ‘casos’ para se manter como locutor e buscava incessantemente os relatos que poderiam ser reportáveis e que fossem usados em suas argumentações. Também, com o seu desenvolvimento linguístico, observa-se que a reportabilidade e a argumentação já ocorrem naturalmente. Inferimos, portanto, que a característica da criança em se manter como locutor/narrador, em tentar todo o tempo fazer uso da reportabilidade, até em sua justificativa de argumentação, foi o que contribuiu para a efetividade desses aspectos no momento posterior.

Além disso, argumentamos também que os adultos responsáveis pelo processo terapêutico, ao tentarem resgatar o intuito discursivo da criança, ao buscarem a compreensão do que ela queria dizer, contribuíram positivamente para este desenvolvimento. Desta forma, compreendemos que o papel do terapeuta da linguagem é a busca pelo intuito discursivo dos sujeitos com dificuldades linguísticas, o que também foi discutido por Cazarotti-Pacheco (2012).

O terapeuta tem que identificar, em cada sujeito, seu desenvolvimento linguístico, suas possibilidades em cada interação verbal, no momento exato da enunciação, bem como respeitar suas características físicas, históricas e culturais. Além disso, deve buscar também outros processos de significação quando isto se faz necessário pelas dificuldades com a oralidade. Isto é o que podemos considerar o não álibi da existência descrito por Bakhtin (2010), é o posicionar-se em relação a seus atos diante da vida e do processo terapêutico, resgatando com os diferentes sujeitos aquilo que é possível e proporcionar ao outro que também tenha essa possibilidade. A responsabilidade, portanto, é um ato moral e ético e os terapeutas, como interlocutores de sujeitos cuja linguagem pode estar comprometida em alguma instância, tem que assumir a transformação da possibilidade vazia em ações reais.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1997.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Editora Pedro e João, 2010.

CAMARGO, E.A.A. O gênero narrativo na linguagem de crianças com alterações neurológicas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (2), mai-ago, p.917-928, 2011.

CAZAROTTI-PACHECO, M. **O Discurso narrativo nas afasias**. 2012. 149f. Tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GOULART, C. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin, **Pró-Posições**, v.18, n.3 (54) – set/dez 2007.

HANKE, M. Narrativas Oraís: formas e funções, **Contracampo**, vol 9, nº 0, 2003, p.117-125.

LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PERRONI, M.C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.